

UMA CRONICA DE RUBEM BRAGA

AUTOS, CAFÉ, ETC.

O "Diário Carioca" tem razão: a barulheira em torno dos negócios marotos de importação de automóveis está deixando esquecida uma fraude cem vezes maior e mais lesiva aos interesses do Brasil. Onde o nosso país está levando na cabeça duro mesmo é exatamente no comércio de seu produto principal.

Eu me lembro do compadre Barroso, vindo do sítio, a discutir coisas da roça com meu pai: "Lavoura é café, Chico. O resto é mantimento..." Ele queria dizer que, apesar de todas as crises, a lavoura que dava dinheiro mesmo era de café; o resto servia apenas para o pobre lavrador se aguentar. Há mais de 25 anos que o compadre Barroso e o compadre Chico foram conversar e fumar seus cigarrinhos de palha no céu, mas a verdade continua a mesma. "Lavoura é café". E agora podemos acrescentar: "Roubo é café; o resto é contravenção..."

Calcula o "Diário Carioca" que a sonegação da receita cambial nos negócios de exportação de café deve atingir a uns 200 porque nem o Instituto Brasileiro de Café milhões de dolares por ano.

A coisa é muito fácil de fazer — fácil nem nenhuma autoridade se dá ao trabalho de fiscalizar esses negócios. Eles não feitos por aventureiros, uma vez ou outra: são feitos habitualmente e por firmas grandes "respeitáveis", "tradicionais". E o "under-price": Café tipo 4 é vendido como se tipo 6, e o produto da fraude é dividido entre o exportador brasileiro e o importador estrangeiro.

Nos negócios de importação as fraudes são também bastante conhecidas. Deixemos falar o general Anapio Gomes em sua "Radiografia do Brasil", um livro que tem muita coisa passível de discussão mas também muita verdade simples escrita de maneira direta e corajosa:

"Pelo **over-price** (sobre-preço) o importador brasileiro, mancomunado com o exportador estrangeiro, consegue a majoração de preço das mercadorias nas faturas; a diferença é repartida entre ambos e utilizada no câmbio livre. Com os leilões de divisas, esta modalidade de fraude passou

a ser utilizada em grande parte nas concessões de câmbio fora das licitações; inclusive das prioridades registradas na SUMOC.

O **under-price** nas importações é assim praticado: o importador brasileiro vai à bolsa e arremata, digamos, 6 mil dolares da 3.a categoria; escolhe nesta o produto que lhe convenir e que custa, por exemplo, 100 dolares por unidade; assim, com os 6 mil dolares licitados poderia importar 60 unidades; mas, em combinação com o exportador estrangeiro, o artigo é dado como custado 80 dolares a unidade, e, portanto, em vez de 60, são embarcadas 75 unidades; os 1.500 dolares correspondentes às 15 unidades a mais, o importador brasileiro os paga por fora, isto é, pelo câmbio livre, onde a moeda é mais barata que nos leilões da referida categoria."

O general cita ainda outras fraudes conhecidas, como a que é praticada na quantidade de mercadorias embarcada — e que só pode ser feita com a cumplicidade do comandante do navio. Há pouco tempo se descobriu incidentalmente que, em uma partida que estava sendo embarcada para os Estados Unidos, a saca de café não tinha os clássicos 60 quilos, mas 65...

Que já se fez até agora de concreto contra todas essas roubalheiras que lesam efetivamente o Brasil? Nada, e nada de nada. Em Santos, no Rio, em Vitória não há quem não conheça esses truques e não saiba quem os pratica. No Norte a mesma coisa se faz, por exemplo, com a cera de carnauba. Não há misterio nenhum: é o grosso comércio, o que sempre está representado nas diretorias das associações de classe, que faz a tramóia. E é porisso mesmo, porque a coisa é feita em grande escala, que não se vê...

Está certo que se lute contra os negociantes dos cadlaques. Mas esse escândalo não deve fazer esquecer o outro muito maior e mais prejudicial. Terá esse governo coragem de mexer com os negócios dessa gente fraudada?

Tomamos a liberdade de duvidar ligeiramente...

Semanário, n.º 2 - 12/19/4/56